



DAGUESTÃO
ROBERTO CARLOS
NARRA AS DELÍCIAS
DE JOGAR NESSE
"FIM DE MUNDO"

INTER
OSCAR VIROU
GENTE GRANDE.
E O BARÇA JÁ
ESTÁ DE OLHO

**DEDÊ
ETERNO**
PARA OS
VASCAÍDOS,
SEU BECÃO
É O NOVO
REI DO
FUTEBOL

FIM DA LINHA?

DAGOBERTO
CANSOU DO
SÃO PAULO.
E JÁ FALA A
PLACAR COMO
EX-JOGADOR
DO CLUBE



GALO
O PLANO
PLACAR PARA
SALVAR O
ATLÉTICO
ESTÁ NA
PÁGINA 62

**BRASIL X
ARGENTINA**
EM NÚMEROS,
O ABISMO QUE
SEPARA O FUTEBOL
DOS DOIS PAÍSES



SMS: PLACAR
PARA: 22745

ED 1359 • OUTUBRO 2011 • R\$ 10,00

ISSN 01041762

01359



AQUECIMENTO

EDIÇÃO FELIPE ZYLBERSZTAJN / DESIGN L.E. RATTO



PERSONAGEM DO MÊS

Ceni a mil

FESTA DO MILÉSIMO JOGO DE **ROGÉRIO** PELO SÃO PAULO MOSTRA A FORÇA DO CLUBE E DE SEU ÍDOLO — QUE DESPERTA AMOR E ÓDIO NA MESMA INTENSIDADE

POR MAURÍCIO BARROS



e o maior espetáculo dentro de campo neste Campeonato Brasileiro foi visto nos 5 x 4 do Flamengo sobre o Santos na Vila Belmiro, o grande show nas arquibancadas aconteceu nos 2 x 1 do São Paulo sobre o Atlético-MG no Morumbi, dia 7 de setembro. Naquela tarde ensolarada de feriadão, 60 000 são-paulinos lotaram seu estádio para ver o milésimo jogo com a camisa tricolor do maior jogador de sua história: Rogério Ceni.

O recorde de público no campeonato até agora foi uma demonstração de força do clube, que tem sofrido revezes nos bastidores porque decidiu bater de frente com Ricardo Teixeira — a exclusão do Morumbi da Copa foi a principal consequência desse confronto (se aquele Morumbi do Dia da Independência, aliás, com as reformas previstas no projeto encaminhado à Fifa, não está apto a receber um jogo de Copa, ninguém está).

Foi também uma amostra de algo que está em fase final de extinção no futebol brasileiro: a identidade de um jogador com um clube. Só restam dois exemplos: Marcos, no Palmeiras, e Rogério, no São Paulo. Ninguém fica mais tanto tempo em um só time. Nem mesmo os goleiros.

A despedida de Marcos está próxima, e certamente os palmeirenses farão uma festa tão intensa quanto a de Ceni. Torcedores de outros times dirão "Marcos merece". Porque o goleiro do penta é daquele tipo de jogador que não tem rejeição. Marcos é genial em sua simplicidade. Engraçado, espontâneo, carismático ao extremo, é impossível sentir raiva dele mesmo ao mais fanático corintiano.

Com Rogério, o papo é outro. Os torcedores adversários o odeiam. Rogério é vaidoso, inteligente, articulado, por vezes arrogante. Chato, como ele próprio admitiu outro dia, porque tem opinião sobre tudo e não deixa barato quando se sente atacado — vide o episódio em que ligou para um programa de TV para rebater uma jor-

nalista que o acusava de ter falsificado uma assinatura e forjado um documento para obter aumento salarial. Ceni processou-a e, posteriormente, ganhou uma indenização.

Rogério sofre, em certo sentido, um preconceito às avessas. Como assim, um jogador de futebol com raciocínio sofisticado? Quem ele pensa que é? E toca Pink Floyd no violão, é amigo de bacanas como Nando Reis e Luciano Huck... Por tudo isso, um frango de Rogério é celebrado por seus detratores como o melhor acompanhamento da pizza do domingo.

A unanimidade talvez viesse com um título de Copa do Mundo como titular. Mas Rogério não teve isso. Não foi o camisa 1 do Brasil em um Mundial. Marcos é quem estava lá pegando tudo em 2002. Voltou-se então para o seu reino. E aí conquistou o que lhe faltava: títulos relevantes. Vieram a Libertadores, o Mundial, três Brasileiros seguidos. Teve o centésimo gol marcado, e contra o Corinthians. E o milésimo jogo, contra o Atlético. Virou o 01 do São Paulo, o 10 ao contrário.

Rogério não vai mudar. Sua festa de despedida, daqui a um, dois ou três anos, vai ser ainda maior do que a dos 1 000 jogos. E depois, para desespero dos que o odeiam, não vai sumir. É questão de tempo (pouco) para que vire presidente do São Paulo. E terá ainda mais opiniões. Talvez continue com certa dificuldade em admitir erros. Os rivais não terão mais seus frangos eventuais para celebrar na pizza do domingo. Mas continuarão adorando falar mal dele.

Rogério no jogo
1000 pelo São
Paulo: espécime
em extinção





APRESENTA

O feriadão em família
ficou ainda mais feliz com
a vitória do São Paulo

O 2º TURNO COMEÇOU COM TUDO

Torcida do Camarote PLACAR Morumbi curtiu o feriado na milésima partida de Ceni, enquanto Fluminense, Botafogo e Flamengo embalararam a galera no Engenhão.

Feriado ensolarado no Estádio do Morumbi: esse foi o cenário de mais uma marca histórica de Rogério Ceni. No último dia 7 de setembro, o goleiro completou seu milésimo jogo com a camisa do São Paulo, e os convidados do Camarote PLACAR curtiram essa festa em grande estilo. Com gols de Lucas e Dagoberto, o São Paulo bateu o Atlético-MG em uma

tarde que ficará marcada para a torcida tricolor. No Rio de Janeiro, os convidados do Camarote PLACAR Engenhão também fizeram bonito em grandes partidas dos times cariocas: o Fluminense bateu o Internacional de Porto Alegre por 2 x 0, o Flamengo venceu o Atlético-PR na Sul-Americana por 1 x 0, e o Botafogo deu um show contra o América-MG, 4 x 2.



A torcida vibrou muito com o primeiro gol...



A vista privilegiada do Camarote PLACAR Morumbi



Torcida unida para empurrar o São Paulo



... E fez a festa com o gol que fechou a vitória são-paulina



A admiração pelo ídolo está na camisa e na bandeira



Torcer para o Flu é tradição da família



A galera comandou a festa no jogo 1000 de Ceni



O torcedor não esconde seu amor pelo Mengão



Muito agito no Camarote PLACAR Engenhão



Muito conforto para curtir as partidas no Morumbi

Realização

Patrocínio



Com um pé fora

APESAR DE ARTILHEIRO DO SÃO PAULO, **DAGOBERTO** DISPARA CONTRA A DIRETORIA, RECLAMA POR VALORIZAÇÃO E JÁ MIRA PLANOS LONGE DO CLUBE

POR BREILLER PIRES

P Qual balanço você faz dos cinco anos de São Paulo?

R Intenso. Tudo é muito intenso no São Paulo. Sou um cara realizado por ter atingido o objetivo de jogar aqui.

P Você é o artilheiro do time pelo segundo ano consecutivo. Caiu bem o papel de homem-gol?

R Isso é bom. Estou feliz por jogar de uma maneira que favorece o meu futebol. A bola passa bastante pelos meus pés, e a consequência disso são mais gols e assistências.

P Houve um divisor de águas que despertou seu futebol?

R É fácil explicar: eu jogava longe do gol. Antes, eu armava muito, buscava muito, marcava muito e, quando recebia a bola, já estava cansado para fazer uma jogada. Hoje em dia, atuando mais à frente, facilita bastante. Estou mais preparado para dar sequência aos lances, um bom passe ou até uma arrancada.

P Por ser um jogador leve, a obrigação de voltar para marcar o prejudicava?

R Bastante. Eu me desgastava muito. Hoje eu sou mais dinâmico, faço gol e dou assistências. Algo que era difícil no passado. Nos anos em que o São Paulo foi campeão brasileiro, eu fazia uma função em que aparecia mais na marcação, recompondo

espaços e voltando até a nossa área, o que nunca foi o meu forte. Mas, por outro lado, aprendi a marcar. Antes eu dava porrada nos caras.

P A concorrência no ataque tricolor enfraqueceu?

R O São Paulo sempre teve bons atacantes de área, como o Aluísio e o Borges, que foi um dos melhores com quem joguei. Agora temos o Willian José, mas é um jogador jovem, está só começando. Eu me adaptei bem a um time mais veloz, que põe a bola no chão. O Lucas é muito rápido, os laterais apoiam. A característica do São Paulo mudou. Às vezes sinto um pouco de solidão no ataque. Mas aí a gente conversa para o time aproximar, o que facilita para os homens de frente.

P Seu posicionamento muda com a entrada do Luís Fabiano?

R Comecei a entender melhor o jogo fazendo a função do centroavante. Posso jogar pelas pontas e ajudar na marcação. Acredito que o Luís só vá melhorar o time. E as apostas serão direcionadas totalmente a ele.

P Pela sua experiência com lesões no Atlético-PR, você chegou a dar força para ele?

R Eu ajudei como pude. A recuperação de lesão é solitária, o jogador fica mais isolado, pensa em muitas

coisas. No meu caso, tentei enxergar o outro lado, e o tempo parado representou um grande crescimento.

P Você marcou no gol 100 e no jogo 1 000 do Rogério Ceni. Serviu para espantar rumores de desavença entre vocês dois?

R Quando os bons resultados não vêm, surgem os boatos de que fulano não gosta de sicrano. Respeito a opinião dos outros, mas é preciso fazer uma reciclagem de alguns profissionais. Às vezes, sou julgado por uma pessoa sem a menor estrutura, que comenta, mas nunca jogou bola e não entende nada de futebol. Cada jogador tem a sua cabeça. Mas eu nunca tive problema com o Rogério, pelo contrário. O que existe entre nós são admiração e respeito.

P Assim como o Rogério, você costuma falar o que pensa, não foge às polêmicas...

R Eu não sou omissivo. Jamais quis polemizar, mas tenho personalidade, analisou o futebol para ganhar.

P Mas parte do grupo não pode acabar te tachando de traíra?

R Isso pode rolar, né? Cada um tem seu pensamento. O segredo é o diálogo. São cinco anos de São Paulo e um relacionamento muito bom com o grupo. Nunca tive problemas com ninguém, somente grandes amigos.

P Algum jogador já o criticou por causa dessa personalidade?

R Tudo o que falo é pensando em melhorar as coisas, e não em ofender um ou outro. Já me elogiaram por ter essa postura. É claro que tem gente que pode não gostar do que



“

Tem gente que
pode não gostar
do que eu digo,
mas aí não é
problema meu.
Futebol é uma
coisa solitária...

eu digo, mas aí não é problema meu. Futebol é uma coisa solitária...

P Solitária por quê?

R Várias vezes o jogador passa por momentos em que pode se apegar somente à família. Houve um tempo em que eu não estava jogando, com muitas pessoas falando isso ou aquilo... É nessas horas que você vê quem realmente está ao seu lado. Quando o time está ganhando, ótimo: é fácil ter amigos e tapinhas nas costas. Mas eu não posso ser hipócrita e dizer que isso acontece apenas no São Paulo. Em todo lugar onde gira muito dinheiro e existe cobrança por títulos é assim.

P Em julho, você disse que até um pum seu vira polêmica...

R Foi uma brincadeira. Quando perdemos para o Corinthians, eu falei que a realidade do futebol brasileiro era aquilo. É muito competitivo. Você ganha cinco partidas seguidas, mas pode perder um clássico por 5 x 0. Tivemos alguns tropeços, normais pela dificuldade do Brasileirão. Não disse nada de mais, mas infelizmente me interpretaram mal.

P Hoje titular absoluto, você se sente mais valorizado no clube?

R Me sinto valorizado por tudo o que acontece fora daqui, pelas propostas. Não é de hoje que cobro essa valorização do clube, já vem de alguns anos. Respeito o presidente e a diretoria, mas só queria ser mais valorizado onde eu gosto de trabalhar.

P Os dirigentes resistem em renovar seu contrato?

R A vida é assim. Existem pessoas que gostam de mim e outras que não vão com meu estilo. Algumas delas foram contra minha contratação em 2007. Talvez isso tenha me afetado durante os cinco anos aqui no São Paulo. Eu dou resposta às pessoas que gostam de mim. As que não gostam, problema delas.

P Seu vínculo com o São Paulo termina em abril. O fato de ter requerido o passaporte italiano é um sinal à diretoria de que



“

Eu tenho o objetivo de sair. Sempre fui bem sincero. O caminho indica a saída. Cumpri meu contrato, mas não fui valorizado.

você está com um pé lá fora?

R Eu tenho o objetivo de sair. Sempre fui bem sincero. O caminho indica a saída. Cumpri meu contrato da melhor maneira possível, mas não fui valorizado. Em relação ao passaporte, já está tudo organizado. Só falta eu ir à Itália para arrematar. Tentei sentar várias vezes com a diretoria para conversar e não aconteceu. Mas é isso aí. Daqui uns dias vamos ver o que é melhor para todos.

P Mesmo quando você foi barrado, torcedores são-

paulinos reivindicaram sua volta ao time. Para eles, você se garante em campo?

R A parada é esta: eu confio em mim e chamo a responsabilidade. E a torcida, sim, valoriza o que eu faço. Quando eu não estava sendo nem relacionado, ela foi ao CT me apoiar. Depois da última Libertadores, no ano passado, pessoas do clube quiseram me desqualificar, me colocar como culpado para tirar o foco da eliminação. O grupo não teve sucesso, o grupo não alcançou o objetivo. Mas puseram a culpa em mim.

P Já a torcida do Atlético-PR não tem tanto apreço por você...

R Eu entendo o rancor dos torcedores do Atlético, que agiram por paixão. Só que eu agi com a razão. Havia propostas muito melhores fora dali. É normal que hoje eu jogue na Arena da Baixada e seja vaiado. Mas penso que tudo poderia ser diferente, porque eu tenho carinho pelos atleticanos e pelo clube.

P O Rogério disse que 50% das faltas sobre o Neymar são fruto de simulação. Você também era alvejado pela fama de cai-cai?

R Eu me cobre muito por causa disso. Hoje, quando eu saio de um jogo, os juizes me parabenizam por ter mudado meu jeito em campo. Eu reclamava bastante, simulava faltas, até mesmo pela pouca idade. Foi um aprendizado, e estou sempre buscando melhorar.

P Há duas temporadas você vem sendo o jogador que mais dá assistências no São Paulo. Os números apagam o rótulo de individualista do seu começo de carreira?

R Individualista, não. Não enxergo dessa forma. Veja o Lucas, por exemplo. O forte dele é o individualismo, um jogador que parte para cima. Mas é difícil você analisá-lo como individualista. Eu não criei esse rótulo. Com o tempo, o jogador evolui e vai aprendendo a buscar um companheiro na melhor posição.

DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO DO
SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE
2024



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ